

ONZE MAIS UM: INSTALAÇÃO POÉTICA NO MUSEU DO MINEIRÃO, 2014.

Victor da Rosa¹

Na última sala do Museu Brasileiro do Futebol, no estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, como se fosse aos quarenta e cinco do segundo tempo, os visitantes se deparam com uma seleção de 12 poemas sobre o jogo, que podem ser lidos em uma tela e também escutados por quem passa. A seleção conta apenas com poetas mineiros,² em consonância aliás com a própria curadoria do Museu, sob a coordenação do historiador Thiago Costa, que em vários momentos (e nem poderia ser diferente) privilegia a história do futebol jogado em Minas Gerais.

Lendo os poemas em conjunto, chama atenção a grande variedade de registros, tanto temática (o que talvez demonstre o grande alcance simbólico que o futebol possui) quanto formalmente. O leitor

encontrará desde uma cantiga sobre Pelé, como é o caso do poema de Affonso Ávila, interpretado pelo ator Rodolfo Coelho (do Grupo Galpão), que faz uma espécie de rápida historiografia da vida do rei do futebol, explorando com rara felicidade e senso de humor uma sonoridade repetitiva em torno da mesma vogal (“na era do rei que ainda o é/ tudo ao redor dava pé/ surfava-se alta maré/ subia em bolsa o café”), até um poema visual de linhagem concretista, que joga com as palavras “gol”, “gold”, “god” e “good”, da autoria de Carlos Barroso.

Os jogadores costumam ser responsáveis por mobilizar grande parte do imaginário futebolístico, e por isso protagonizam diversas cenas nos textos. Na própria cantiga de Affonso, além de Pelé, Garrincha também aparece em outros versos: “drible curto de mané/ nos johns e o rei da sué/ cia aplaudindo o caburé”. Logo depois, no poema curto de Jovino Machado, fazendo do futebol uma alegoria do amor, o poeta lembra da distância entre dois goleiros para confessar: “não quero te ver/ do mesmo ponto de vista/ que o marcos vê o rogério ceni/ numa partida de futebol/ entre palmeiras e são paulo”. O uso da distância entre os dois goleiros para falar do amor não deixa de provocar um deslocamento interessante. Por sua vez, o ídolo atleticano Dadá Maravilha, um dos grandes artilheiros da história do clube, conhecido também por suas frases espirituosas, é o assunto do poema de Renato Negrão, que recorda justamente a maneira como o jogador define o futebol, que será motivo para o poeta definir a própria poesia:

¹ Doutor e mestre em Literatura pela UFSC. Publicação na revista Em tese: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/5916>.

² Adriana Versiani, Adriano Menezes, Affonso Ávila, Ana Martins Marques, Carlos Barroso, Gustavo Cerqueira Guimarães, Jovino Machado, Kiko Ferreira, Renato Negrão, Rogério Barbosa, Vera Casa Nova e Wagner Moreira.

“poesia é o seguinte/ chegou ali e tem tranquilidade/ é só aplicar o sutil o mirabolante/ a raiz quadrada o labirinto/ que não tem jeito pro leitor não/ é cair e levantar para buscar/ o caroço lá dentro”. No caso de Vera Casa Nova, finalmente, no poema “O olho, a bola”, a poeta faz uma espécie de convocação particular, evocando jogadores de Zizinho até Fio Maravilha, passando por Zagalo, Zico, Cafu, entre outros.

Além de Casa Nova, a seleção conta com outras duas mulheres, o que não deixa de ser um traço marcante, já que o futebol, como sabemos, costuma ser predominantemente masculino. O poema de Ana Martins Marques, “À beira-mar”, é dividido em dois tempos: primeiro lembra de um texto em que Lévi-Strauss fala dos índios que “não jogavam para vencer/ mas para empatar”, fazendo do empate uma espécie de pedagogia do amor; e depois reclama: “ao menos neste poema/ seria preciso evitar/ tornar o futebol/ metáfora de tudo”, recorrendo mesmo assim, meio ironicamente, a uma série de clichês do jogo: “em que o amor é a partida e nós, o campo/ em que o amor é o goleiro e nós, a bola”, e assim por diante. Por sua vez, em uma espécie de poema em prosa, Adriana Versiani assiste ao jogo de futebol como um quadro pornográfico, em que a ênfase fica mais nas “coxas” e “panturrilhas” masculinas do que propriamente no jogo: “Definitivamente não entendias nada de futebol e me entediavas na cama. Falo bem de você só porque valeu a pena morder tuas panturrilhas”, diz um dos trechos.

Outro traço recorrente da seleção é que os poemas se organizam em torno de um lance que, segundo o chavão, constitui o grande momento do futebol – o gol. Além do poema já citado de Barroso, também o longo poema de Wagner Moreira, por exemplo, é todo pautado por uma espécie de refrão que, à sua maneira, descreve um gol: “a torcida senta [e depois clama, verte, e xinga etc.] esperança/ bola que balança a rede humana”, muito embora o poema não se resuma a isso. Na verdade, por se tratar de versos com alto nível de abstração, não sabemos exatamente o que se passa, causando às vezes a impressão, também por seu efeito de imobilidade, de descrever diferentes instantes do mesmo jogo: “os uniformes concentrados/ frente a frente a cada lado/ vibram energia pura/ sangue em ponto de fervura”, lemos em uma das estrofes. Algo semelhante ocorre com o poema de Rogério Barbosa, “Gol de Letra”, que narra dois gols, o último de letra, mas que parece ser também uma espécie de narração do célebre poema de João Cabral sobre Ademir da Guia, daí o gol ser de letra: “(...) as pernas tortas de outro anjo/ entregue a uma maravilhosa dança/ estranha/ malemolência/ concreta/ ritmo líquido/ morno/ irrequieto/ se infiltrando/ na arena adversária/ segue a música invisível/ agreste/ no compasso/ da malícia/ do poeta jogador de lance/ de dados a bola/ semiviva/ astúcia de pés/ e é/ G O O L / DE / LETRA (...)”, deixando a última letra de cabeça para baixo, recurso infelizmente impossível de ser reproduzido aqui.

E o gol é assunto mesmo quando não acontece, como no caso de outros dois poemas. Em “Nº1”, de Adriano Menezes, a descrição se detém em torno de apenas uma cena e mostra, através do ponto de vista do goleiro, conforme indica também o título, um gol que não ocorreu, ou seja, a própria defesa, um “mergulho”, “ponta da ponte”: “O peito faminto e algum/ problema na expressão/ o precipita no mergulho/ quebrando o ar, um tapa/ na lua, ponta da ponte”, terminando depois com a seguinte imagem: “Na meta a coragem,/ o peito, o abraço retumbante”. Já Kiko Ferreira, em um poema cheio de bons momentos, é tácito na sua avaliação: “mesmo/ que o mito/ do gol/ como meta/ seja mantido/ vale mais/ viver ao vivo/ drible e passe/ que o desenlace/ pragmático/ de gol/ feio e sujo”, afinal “a galera merece/ mais/ festa/ e grito/ que/ delírio/ de polícia/ e bandido”. Por fim, Gustavo Cerqueira Guimarães, fazendo do entusiasmo sua forma de narrativa, ao lembrar das copas em que o Brasil foi campeão, lembra também a bola que não entrou em 1982: “bateu na trave/ se... se... se... se... se.../ se aquela bola entrasse”. A seleção, embora bastante irregular, que foi concebida e dirigida por esse poeta e, atualmente, pesquisador de futebol e poesia, apresenta interesse exatamente pelas abordagens múltiplas, bem exploradas pela sonorização do artista Fabiano Fonseca.

Vale ainda mencionar que a maioria dos poemas ganha com as leituras, que são feitas pelos próprios poetas, com exceção de Affonso Ávila. De resto, nos parece louvável a decisão do Museu pela inserção

de uma linguagem que, de qualquer maneira, costuma passar longe das pessoas interessadas em futebol. Se Nelson Rodrigues, do seu jeito hiperbólico, costumava dizer que a literatura brasileira ignora o futebol, e que “os nossos escritores não sabem cobrar um reles lateral”, aos poucos, através de iniciativas como esta, a nossa literatura parece acertar suas contas com a história.